



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

Etnomusicologia e a construção da música erudita na Amazônia: relatando um recital de orquestra no Theatro da Paz

Autoria: Murilo Silva de Azevedo (UFPA - Universidade Federal do Pará), Rebeca Oliveira da Silva

No século XIX, ocorre o movimento da Belle Époque, com o berço em Paris. Esse movimento repercutiu na estética comportamental e artística em Belém. O compositor, Carlos Gomes, colaborou para adaptar a imagem indígena, tornando-o mais agradável ao público de fora. A cidade das mangueiras, com a crescente economia da borracha, necessitava de um centro de atrações para a difusão cultural francesa. Em 15 de fevereiro de 1878 é fundado o Theatro da Paz. Iniciando o século XX, o teatro sofreu algumas reformas em sua frontaria para fins decorativos e de representações das artes cênicas, e hoje é considerado um dos mais luxuosos do Brasil. O objetivo dessa breve etnografia é o de atentar-se especialmente para a relação das pessoas com a estrutura histórica do Teatro, refletindo sobre o lazer como algo além do entretenimento. Em 31 de outubro de 2019, fazendo parte do calendário do evento gratuito ?XVIII Festival de Ópera no Theatro da Paz?, estivemos presentes a fim de compreender um pouco desse universo erudito. Com uma forte divulgação pela internet, o evento contou com quase 900 lugares ocupados, a capacidade máxima do lugar, incluindo pessoas de todas as idades, cores e trajados de maneira formal ou não. O teatro está localizado no centro da cidade e teve, em sua maioria, pessoas que residem em torno dessa região, provavelmente devido ao horário da noite em que o evento foi marcado. A ambientação do hall aos corredores até o salão de espetáculo é composta desde objetos importados diretamente da Europa a bustos homenageando alguns representantes do movimento indianista como José de Alencar e Gonçalves Dias, da literatura, e uma estátua de Carlos Gomes, da música. De forma perceptível, o salão de espetáculo é impactante: o teto em afresco, a ornamentação do camarote oferecido para as elites na época, os vários relevos de assentos em que se pode assistir à apresentação da orquestra, dentre outras peculiaridades. A duração total da observação levou em



torno de 2h, e consistiu em um recital de orquestra, composto em sua maioria por homens, sendo o auge a performance de O Guarani. Logo, através das observações feitas, pôde-se notar que o espaço ainda permanece atraente, pós período imperialista e industrial, e levando em consideração a proposta de promover o acesso à cultura de acordo com o artigo 215 da constituição. Alan P. Merriam, etnomusicólogo e pertencente da escola americana de Franz Boas, menciona que o estudo da teoria musical nativa é a própria cultura. Assim, é possível apontar a diversidade multicultural que edificou o teatro na composição da sua história como agente que continua valorizando a relação da mestiçagem brasileira.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: